

## FICHA TÉCNICA

Títulos originais dos contos: *Roman v devyati píssmakb, Gosspodin Prokhártchin, Kboziáika, Polzunkov, Sláboie serdtse, Tcbujaia jená i muj pod krovátin*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Imagem da capa: *Bartolomé Esteban Perez Murillo, Two Women at a Window, c. 1665-1670*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Maio, 2006

2.ª edição revista, Lisboa, Abril, 2022

Depósito legal n.º 495 611/22

Reservados todos os direitos  
desta edição à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CORAÇÃO FRACO  
E OUTRAS HISTÓRIAS

# Índice

Nota Prévia .....	9
Romance em nove cartas .....	11
O senhor Prokhártchin — Conto .....	31
A senhoria — Novela .....	61
PRIMEIRA PARTE .....	63
SEGUNDA PARTE .....	97
Polzunkov .....	137
Coração Fraco — Novela .....	151
A mulher alheia e o marido debaixo da cama .....	191
Um acontecimento invulgar .....	191

## Nota Prévia

*Apresentamos ao leitor, nesta colectânea, contos e novelas de Fiódor Dostoiévski publicados pela primeira vez entre 1846 e 1848. Depois do grande êxito obtido pelo seu primeiro romance, Gente Pobre, e também por O Duplo, que provocou uma avalanche de críticas hostis por parte da maioria da imprensa (pelos vistos porque, nesta obra, Dostoiévski deu praticamente um salto de cinquenta anos no tratamento formal e psicológico na narrativa, incompreensível para os críticos literários da época), o jovem escritor — tem 25 anos em 1846 — vive um período de «experiências», de procura permanente de métodos, estilos e temas, praticando formas artísticas ousadas aparentemente incompatíveis entre si. Pretende rejeitar o que lhe parece velho, estabelecido e homogêneo, opta por um constante movimento de escritas. Embora de cariz experimental, não deixam de transparecer nesta obra, às vezes em estranha convivência, os métodos artísticos dos seus precursores: o humorismo em combinação com as «lágrimas invisíveis» de Nikolai Gógol («O Senhor Prokhártchin», 1846), o romantismo alemão e, em parte, russo, o colorido fantástico («A Senhoria», 1847), a sátira social, o tema dos humilhados e ofendidos («Coração Fraco», 1846).*

*A grande variedade de géneros e estilos e a riqueza de formas não só tornam estas obras interessantes por si mas também nos permitem entrever as imagens e as ideias que o autor viria a desenvolver e a aprofundar nos seus futuros romances. Assim, a personagem Polzunkov («Polzunkov», 1848) viria a reaparecer mais tarde nas figuras dos «bobos orgulhosos» de A Aldeia de Stepantchikovo e de O Idiota; o herói solitário e alienado de «A Senhoria», muito modificado, é certo, irá reaparecer em O Adolescente e em Cadernos do Subterrâneo. A veia humorística de Dostoiévski, inexplicavelmente ignorada na maioria dos debates sobre a obra deste*

*escritor, e o seu talento teatral que se manifesta na virtuosidade da construção dos diálogos, também estão brilhantemente representados neste primeiro período do seu trabalho literário («A Mulher Alheia e o Marido Debaixo da Cama», 1848). Para se penetrar no estranho, inesperado e inconfundível universo de Dostoiévski é sem dúvida imprescindível a leitura destes contos e novelas.*

# ROMANCE EM NOVE CARTAS

# 1

(*De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch*)

Excelentíssimo senhor e preciosíssimo amigo Ivan Petróvitch:

Já lá vão três dias que eu, por assim dizer, corro atrás de si, preciosíssimo amigo, já que tenho necessidade de falar consigo de um assunto indispensável, mas não o encontro em lado nenhum. A este respeito, a minha mulher, ontem, quando estávamos em casa de Semion Alekséitch, brincou muito a seu respeito, dizendo que o senhor e mais a Tatiana Petrovna nos saíram um belo par de irrequietos. Ainda não se passaram três meses sobre o casamento e já descuram o lar. Todos rimos muito — fruto pleno da nossa simpatia por si, está bem de ver —, mas agora, falando a sério, o senhor tem-me dado muito trabalho. Disse-me Semion Alekséitch: não estará o Ivan Petróvitch no clube da Sociedade Unida, no baile? Então, deixo a mulher com a esposa de Semion Alekséitch e corro para a Sociedade Unida. Risos e lágrimas! Imagine a minha situação: eu no baile, sozinho, sem a mulher! O Ivan Andréitch, tendo-me encontrado na portaria e vendo-me sozinho, concluiu de imediato (maldoso!) pela minha extraordinária paixão pelos serões dançantes e, pegando-me no braço, já queria levar-me à força para o salão de baile, dizendo que se sentia apertado na Sociedade Unida, que não havia lá espaço para a amplidão da sua alma audaz e que, por causa do cheiro a patchuli e a reseda, tinha dores de cabeça. Pois é, mas a si não o encontrei, nem à Tatiana Petrovna. Então, Ivan Andréitch afirmou e jurou por Deus que o senhor estava de certeza no Teatro Aleksandrínski, onde estavam a exhibir *A Desgraça de Ser Inteligente*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Comédia do escritor russo Aleksandr Griboiédov (1795-1829). (NT)

Corro ao Aleksandrínski: o senhor não está. Hoje de manhã pensava encontrá-lo em casa de Tchistogánov — mas não. Tchistogánov mandou-me a casa dos Perepálkin — a mesma coisa. Em resumo, veja como me esforcei, a ponto de ficar perfeitamente extenuado! Agora escrevo-lhe (não tenho alternativa!). O meu assunto nada tem de literário (o senhor compreende-me); é-me absolutamente necessário esclarecer as coisas consigo, cara a cara, e o mais depressa possível, por isso lhe peço que venha hoje a minha casa tomar chá e para podermos conversar, juntamente com Tatiana Petrovna. A minha Anna Mikháilovna terá muito prazer em vê-los. Para falar verdade, com a sua presença far-me-ia, digamos, um favor inapreciável. A propósito, meu preciosíssimo amigo, já que as coisas chegaram até à escrita, vale a pena dizer tudo: vejo-me obrigado a repreendê-lo agora mesmo e até a censurá-lo, meu estimadíssimo amigo, por uma partida, por certo bastante inocente, que o senhor maldosamente me pregou... seu celerado, homem sem vergonha! Em meados do mês passado, o senhor introduziu em minha casa um amigo seu, ou seja, Evguéni Nikoláitch, depois de mo ter recomendado como amigo seu, recomendação que, evidentemente, para mim é sagrada; fico eu então muito contente, recebo o homem de braços abertos e, ao fazê-lo, meto a cabeça no laço. Laço ou não laço, mas o resultado foi cá uma coisinha! Agora não tenho tempo para lho explicar, além de que também acho inconveniente fazê-lo por escrito, mas tenho de lhe pedir encarecidamente, meu maldoso amigo e companheiro, que, se possível, arranje maneira delicada de sussurrar ao ouvido do seu jovem amigo, entre parênteses, que há muitas casas na capital além da nossa. Não posso mais, paizinho! *Padam do nog*<sup>2</sup>, como diria o nosso companheiro Simoniewicz. Quando nos encontrarmos conto-lhe tudo. Não digo isto no sentido de que o jovem falhe, por exemplo, no que se refere ao corte do fato, às qualidades espirituosas ou a outras qualidades quaisquer. Pelo contrário, é um rapaz amável e querido; mas espere até nos encontrarmos; entretanto, meu estimadíssimo amigo, se o vir, sussurre-lhe qualquer coisa ao ouvido, por amor de Deus. Eu próprio o faria, mas já viu o meu carácter? Sou incapaz, acabou-se. Além de que foi o senhor quem mo apresentou. De resto, logo à noite falaremos disto em mais pormenor. Portanto, até logo. Fico o seu, etc.

*P. S.* O meu pequenino há já uma semana que está adoentado, e vejo que piora a cada dia que passa. Estão a nascer-lhe os dentinhos e sofre muito com isso. A mulher trata dele e anda muito triste, coitada. Visite-nos. Dar-nos-á um verdadeiro prazer, meu preciosíssimo amigo.

---

<sup>2</sup> Rojo-me a seus pés (pol.). (NT)

## 2

*(De Ivan Petróvitch para Piotr Ivánitch)*

Excelentíssimo senhor Piotr Ivánitch:

Recebi ontem a sua carta, li-a e fiquei perplexo. O senhor a procurar-me em tudo o que é sítio e eu, simplesmente, em casa. Até às dez espero pela visita de Ivan Ivánitch Tolokónov. A seguir peguei na mulher, arranjei um coche de praça, meto-me nesta despesa e apareço em sua casa por volta das seis e meia. O senhor não está, recebe-nos a sua esposa. Espero por si até às dez e meia, mais já não é possível. Pego de novo na mulher, alugo um coche, faço mais despesa, meto a mulher em casa, e vou a casa dos Perepálkin, pensando encontrá-lo lá, mas, uma vez mais, falho a pontaria. Volto a casa, não durmo toda a noite, de manhã passo por sua casa mais três vezes, às nove, às dez e às onze, por três vezes tomo coches, faço despesa, e de novo fico de mãos a abanar.

Lia a sua carta e ia-me espantando. O senhor fala-me de Evguéni Nikoláitch, pede que lhe sussurre umas coisas ao ouvido e não me diz o que se passa. Louvo as suas cautelas, mas há papéis e papéis, e bem sabe que eu não dou à minha mulher documentos importantes para ela fazer papelotes. Não compreendo porque me escreveu o senhor tudo isso, onde quer chegar. De resto, se é como o senhor diz, para que quer meter-me no caso? Eu não meto o nariz em coisa nenhuma. O senhor mesmo deveria dar-lhe para trás, mas vejo que tenho de esclarecer as coisas consigo pessoalmente e de modo resolutivo; além disso, o tempo está a passar; ora, eu tenho pouco tempo e não sei o que fazer se o senhor descursa assim os seus compromissos. A minha viagem será muito em breve, e uma viagem exige despesas, com a agravante de a minha mulher choramingar que precisa de uma capa de veludo à última moda. Quanto a Evguéni Nikoláitch, apresso-me

a comunicar-lhe: ontem, sem perda de tempo, pedi informações completas sobre ele quando fui de visita a Pável Semiónitch Perepáلكin. Pois bem, Evguéni Nikoláitch tem bem as suas quinhentas almas<sup>3</sup> na província de Iaroslavl e tem ainda a esperança de herdar de sua avó uma herdade perto de Moscovo com trezentas almas. Quanto à sua fortuna em dinheiro, disso não sei, acho que o senhor o saberá melhor do que eu. Peço que me marque em definitivo um local de encontro. O senhor encontrou-se ontem com Ivan Andréitch e diz-me que ele o informou de que eu estava, com a mulher, no Teatro Aleksandrínski. Pois bem, digo-lhe agora que ele mentiu e adianto que não se pode dar-lhe qualquer crédito, até porque, nada menos do que anteontem, aldrabou a própria avó em oitocentos rublos em papel-moeda. Tenho a honra de continuar seu..., etc.

*P. S.* A minha mulher engravidou; além disso é assustadiça e, por vezes, sofre de melancolia. Ora, nos espectáculos teatrais introduzem por vezes canhonadas e trovoadas produzidas artificialmente pelas máquinas. Por isso, receando assustar a minha mulher, afasto-a dos teatros. Quanto a mim, não tenho grande gosto pelos espectáculos teatrais.

---

<sup>3</sup> «Almas» são servos da gleba do sexo masculino, propriedade, com as respectivas famílias, de determinado senhor da terra. (NT)

### 3

*(De Piotr Ivánitch para Ivan Petróvitch)*

Meu inestimável amigo Ivan Petróvitch:

Sou culpado, culpado e mil vezes culpado mas quero justificar-me. Ontem, passava das cinco e precisamente no momento em que o Ivan Petróvitch era por nós recordado cordialmente, chegou um enviado do meu tio Stepan Alekséevitch com a notícia de que a minha tia estava mal. Receando assustar a minha mulher e pretextando um assunto para tratar, corri a casa da minha tia. Fui encontrá-la à beira da morte. Tivera um ataque de apoplexia às cinco horas, o terceiro em dois anos. O médico de família deles, Karl Fiódoritch, declarou que ela talvez já não chegasse ao fim da noite. Veja a minha situação, preciosíssimo amigo. Uma noite de azáfama e amargura em que não fui à cama! Somente de manhã, esgotado física e espiritualmente, me estendi no sofá da casa deles, tendo-me esquecido de avisar para me acordarem a tempo; acordei às onze e meia. A minha tia estava melhor. Fui ter então com a minha mulher que, coitada, estava sem forças por causa do tormento de ter ficado à minha espera. Comi qualquer coisa à pressa, abracei o meu pequenino, acalmei a mulher e fui à sua procura. O senhor não estava em casa, mas não deixei de encontrar lá o Evguéni Nikoláitch. Voltei para casa, peguei na pena e estou agora a escrever-lhe. Não se zangue comigo, meu amigo sincero. Bata-me, arranque esta minha cabeça arrependida mas não me prive da sua simpatia. Soube pela sua esposa que o senhor, à noite, estaria em casa dos Slaviánov. Estarei lá sem falta. Espero com grande impaciência poder encontrar-me consigo.

Continuo sendo o seu... etc.

*P. S.* O nosso pequenino está a lançar-nos num verdadeiro desespero. Karl Fiódoritch recebeu-lhe ruibarbo. Geme, ontem não reconhecia ninguém. Hoje já reconhece as pessoas e começou a balbuciar: papá, mamã, buu... A minha mulher tem estado em lágrimas toda a manhã.